Web Summit quer mais "tecnólogos" mas conversas sobre o futuro só após Março

A Alemanha concentrou toda a enorme comitiva num *stand* que ocupava quase meio pavilhão

Ausência de grandes empresas deu maior visibilidade à presença de meia centena de governos nacionais e regionais. CEO quer manter evento em Lisboa e chama mais especialistas em tecnologia

Victor Ferreira, Karla Pequenino

A Web Summit 2023 mostrou a importância crescente dos jardineiros. Desde que se instalou em Lisboa, em 2016, eram as empresas que mandavam no ambiente. Mas o cenário mudou. À oitava edição em Portugal (uma das quais, em 2020, em versão totalmente *online* por causa da pandemia), as jovens abelhas operárias que mandaram nos primeiros anos e as abelhas-mestras maduras, que nos anos do meio abriram as suas asas à procura da polinização cruzada de quem tem a garra e a criatividade dos que acabam de chegar, cederam a visibilidade aos governos, cada vez mais presentes, cada vez mais visíveis, os jardineiros que nunca estiveram ausentes, mas que desta vez mostraram que a Web Summit é o canteiro onde cada um promete dar as flores a quem quiser ajudar na extracção do pólen.

Não é uma metáfora difícil de explicar. Tal como não é difícil de perceber que talvez fosse inevitável. Vamos aos números oficiais: 32 países enviaram à Web Summit delegações responsáveis pela promoção externa e captação de investimento estrangeiro.

A Alemanha deu uma goleada: concentrou toda a sua enorme comitiva num gigantesco *stand* que ocupava quase meio pavilhão. Uma colmeia gigante, a maior, quiçá, de todo o recinto, num ano em que Amazon, Meta, Google e muitas outras grandes tecnológicas (como a Huawei por exemplo) deixaram espaços vazios (por razões diferentes).

Espanha, Brasil (presença enorme), Reino Unido, Arábia Saudita, Canadá, enquanto habituais, tiveram em 2023 concorrência reforçada. A Ucrânia foi particularmente activa. A Lituânia mostrou que não é por acaso que é berço de negócios de projecção global, como a Revolut. Contavam-se ainda 17 delegações regionais e locais. Exemplo: o Japão. Além da embaixada nacional, havia um espaço do governo metropolitano de Tóquio.

São estes os jardineiros que este ano estiveram mais visíveis. Talvez seja a aposta no digital como caminho de recuperação no pós-pandemia. Talvez seja porque ainda vêem a Web Summit como um ponto de encontro obrigatório, um viveiro onde se pode procurar, recrutar, aprender, apesar de todas as restantes mudanças que se notaram este ano.

Capacidade máxima

Houve quem dissesse que foi uma edição "mais calma". Os números contrariam estas percepções recolhidas junto de diferentes participantes ao longo de quatro dias. Cerca de 70 mil pessoas passaram por lá, um número em linha com a edição de 2022 (71 mil bilhetes vendidos). Houve menos filas, como muitos notaram? Talvez tenha sido pelo "espectacular" trabalho da PSP, como defende a nova presidente executiva (CEO) da Web Summit, Katherine Maher, depois de frisar que, mais uma vez, se atingiu a capacidade máxima, apesar de se ter oferecido mais espaço, com mais tendas.

Também houve quem apontasse quebra na importância ou relevância dos oradores convidados para as conferências que ocuparam dezena e meia de palcos espalhados pela FIL.

Não foi só o caso Paddy Cosgrave, ex-CEO (alvo de uma reacção liderada pelo embaixador de Israel em Lisboa e com eco mundial, contra o que o irlandês disse sobre eventuais crimes de guerra de Israel em Gaza). Talvez a Web Summit também precise de repensar o seu rumo. A Web Summit tem de mudar, porque o mundo muda. Já não é só a guerra fria tecnológica que escalou com a eleição de Trump no exacto dia de 2016 em que a Web Summit se estreou em Portugal. Há guerra na Europa. Há feridas reabertas no Médio Oriente. Há inflação e taxas de juro altas que vitimaram muitos postos de trabalho no sector tecnológico e nos orçamentos de marketing alavancados em capitais de risco que, em 2020 e 2021, investiram sem freio até nos maiores disparates.

> **Temos um contrato até 2028. (...) A decisão sobre o novo governo cabe aos portugueses. Por isso, vamos ver o que acontece**
>
> **Katherine Maher**
> CEO da Web Summit

MIGUEL A. LOPES/LUSA

A conversa mudou, porque tem de mudar. O zumbido criativo das abelhas operárias e mestras também esmoreceu na exacta medida das ausências forçadas por questões financeiras. Também isso deu projecção à força gravitacional dos governos, esses jardineiros ávidos de atribuir canteiros e flores sob a forma de incentivos fiscais, espaços de trabalho, vistos e redes de contacto a quem queira polinizar todas essas economias em ressaca pós-covid e a sofrer com as guerras.

É uma evolução a ter em conta quando se reabrir o dossier do destino da Web Summit, cujo contrato com Portugal termina em 2028. O país começou em 2016 a pagar cerca de dez milhões de euros por ano para chamar *startups* e investidores. Hoje paga o mesmo para dar mais palco a outros jardineiros, outros governos.

Startups batem recordes

É uma variável, não um problema. Afinal, o número de *startups* bateu recordes (2600) nesta edição, o que denota capacidade para ligar Portugal à emergência de novos negócios, mesmo que depois germinem ou cresçam noutras geografias.

Nem a menor presença das gigantes preocupa Ricardo Lima, que coordena a equipa que liga *startups* e investidores. Até "pode ser uma mais-valia", argumenta. "Por um lado, podemos voltar a calibrar a missão da Web Summit, que é um evento que nasceu e cresceu para *startups*. Acredito que pode ser bom para elas porque lhes dá mais espaço para aparecerem."

A nova CEO, Katherine Maher, reconhece que este ano houve "mais espaço para respirar". Espera contudo recuperar já em 2024 as empresas que este ano boicotaram Lisboa. E embora reconheça que hoje "é mais difícil angariar fundos" (o número de investidores presentes, cerca de 900 segundo Ricardo Lima, foi o mais baixo de sempre), contrapõe que as tecnologias com pouco código e a ajuda da inteligência artificial permitem adiar o momento do primeiro investimento.

"Comparando com o passado, (...) sim, o mercado é mais apertado, mas, por outro lado, há mais ferramentas nas mãos dos empresários", sustenta. Quanto ao regresso dos grandes nomes, Maher garante que "as conversas com os parceiros mostram que eles sentem que [a Web Summit] tomou as medidas correctas quando o Paddy se demitiu e saiu do conselho de administração. Sei que muitos dos parceiros que não estiveram presentes este ano se comprometeram a participar num evento futuro. Por isso, sinto-me muito confiante de que veremos esses grandes parceiros de volta."

Renegociação pós-2028

Mas também o Governo (que nesta edição anulou quase toda a sua presença e se fez representar no palco da abertura e do fecho pelo ministro da Economia, António Costa Silva) está em mudança. Será que vai haver renegociação do contrato com a Web Summit com um novo elenco executivo em Portugal?

"Temos um contrato até 2028. Gostamos muito de cá estar. Temos escritórios em Lisboa e vemos esta cidade como a nossa casa. A decisão sobre o novo governo cabe aos portugueses. Por isso, vamos ver o que acontece. Retomaremos essa conversa depois de terminarmos o evento. Como disse, queremos ver o que os portugueses decidem e depois teremos essas conversas conforme for apropriado, mas penso que passámos uns anos fantásticos sediados aqui em Lisboa e queremos continuar essa relação."

Qual é então a grande preocupação para o futuro? "Ter mais tecnólogos", responde Maher.

"É uma das coisas que eu gostaria de ver no futuro. Estamos a trazer pessoas que estão na vanguarda da tecnologia (...), mas o que não tenho visto tanto são os próprios tecnólogos, as pessoas que estão a trabalhar nos protocolos da próxima geração, as pessoas que estão a encontrar as inovações revolucionárias."

Quem são eles ou elas? "Estão nas grandes empresas, na investigação académica, nas *startups*, em todo o lado. Gostaria de ver mais disso nos nossos palcos de formas que não vi tanto este ano. Poderá haver audiências mais restritas para uma conversa técnica muito profunda. Teremos de encontrar o equilíbrio."

E conclui: "Ter pessoas realmente capazes de falar sobre tecnologia e desenvolvimento é algo que me interessa. Já o disse, noutras ocasiões, apesar do nosso nome, Web Summit, não nos limitamos à *web*, certo? Então, como é que pensamos realmente sobre a tecnologia que deve estar nos nossos palcos? Isso interessa-me muito. (...) É realmente importante para nós ter clareza sobre porque existimos no mundo. E há muitos eventos. O que torna a Web Summit única?"

Startups

Ferramenta de pesquisa de jurisprudência deu a vitória à Inspira

Ana Sofia Malheiro

Ajudar advogados, pais e professores ou doentes? Era esta a pergunta nas mãos do júri que iria eleger a melhor apresentação das *startups* na Web Summit 2023. De entre as três empresas finalistas, com propostas de negócio muito diverso, o júri escolheu a brasileira Inspira, que desenvolve uma ferramenta que torna mais eficaz e eficiente a procura de jurisprudência.

Tal como em 2022, ganhou uma ideia de negócio criada em torno de uma ferramenta para melhorar a produtividade.

Mas na votação do público da Web Summit, que também pode escolher o seu preferido de entre os três finalistas, a preferência foi para a Kinderpedia (com 54% dos votos), que a partir da Roménia desenvolveu uma ferramenta que ajuda pais a acompanhar o percurso escolar dos filhos.

O trio de finalistas de 2023 incluía ainda a Cognimate, empresa com sede nos Estados Unidos da América que apresentou uma luva háptica (sensível ao toque) que pode ser usada na recuperação de pessoas que sofreram acidentes vasculares cerebrais (AVC).

Ao ser compatível com uma série de jogos, a luva estimula não só a motricidade fina do pulso e da mão como a agilidade mental do utilizador.

Para o júri, no entanto, a melhor apresentação foi a da Inspira. No Brasil, a justiça não é só um problema político, como o passado recente tem demonstrado. Também é um problema económico, como ficou claro pela apresentação que esta *startup* fez do seu negócio ao longo de três dias de concurso, no qual participaram 105 empresas emergentes.

"Somos o país 'número um' em quantidade de advogados", salientou Henrique Ferreira, e o Brasil é actualmente o país com a maior despesa em sistema de justiça em relação ao Produto Interno Bruto (PIB). "A nossa missão é a de reinventar o mercado legal brasileiro e democratizar o acesso à informação."

A tecnologia depende de uma base de dados com informação de tribunais brasileiros, actualizada a cada dois dias. Uma espécie de motor de busca com inteligência artificial é capaz de decifrar aquilo de que cada advogado precisa.

Para já, o foco da Inspira é o mercado brasileiro, mas a *startup* não descarta a expansão internacional, começando pelos restantes países da América do Sul.

Já a Kinderpedia, a favorita do público, desenvolve uma ferramenta digital de gestão e comunicação escolar. Dessa forma, pretende ajudar na criação de ambientes escolares mais colaborativos, permitindo que os pais tenham rápido acesso a horários ou trabalhos de casa.

O sistema já está disponível em mais de 25 países, incluindo Portugal.

Contrariamente às primeiras edições da Web Summit em Lisboa, em 2023 o prémio do concurso de *startups* não tem um valor monetário. O objectivo é apenas divulgar os projectos vencedores junto da comunidade internacional.

Texto editado por Victor Ferreira

ANTÓNIO PEDRO SANTOS

No total, 150 empresas participaram no concurso de *startups*